Avença

O Gaiato

Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano IV — N.º 101
Preço 1$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
10 de Janeiro de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

DE COMO FOI O NOSSO NATAL

NÃO digo nada de Miranda do Corvo, nem da rua da Trindade, nem da Cumeada, nem do D. João IV,—tudo casas nossas aonde o Natal se fêz. Não digo. Cada um que fale. Eu cá digo de Paço de Sousa.

Começou pela hecatombe. Hecatombe de patos e de galinhas. Foi para salvar que matamos. Salvar da peste que grassa em Espanha nas aves. Já se não como ali caldo de galinha. Comemo-las e assim as salvamos!

Veio cá ter há dias uma grande noticia desta peste, com pedido oficial de a publicarmos no jornal. Veem cá ter noticias politicas e industriais e maritimas e comerciais de varias Embaixadas de Lisboa. Veio ontem uma coisa de Paris. Veem discursos. Veem acontecimentos internacionais. Eu vou a abrir os envelopes em busca de pãosinho para esta gente toda, e dou mas é com papeis! Mandam enfaticamente para o *Director de O Gaiato*. E' que não sabem quem é o Gaiato mai-lo senhor director!

Mas vamos ao assunto. Houve a hecatombe. Isto foi na vespera da consoada. Na vespera da consoada, foi também a letria e as rabanadas. Enquanto alguns depenavam as aves salvas da peste, outros mexiam o tacho da letria e outros fritavam pão humedecido em leite e envolvido em ovos. Esboçou-se um pequeno sarilho a vêr quem é que havia de rapar, mas eu estava, botei água na fervura e tudo passou em nada.

No dia seguinte que era o da consoada, fui ó Porto buscar umas tantas coisas que nos faltavam, e encontrei lá tudo quanto procurava. Encontrei mais do que procurava: Foi uma creatura em certa rua, que sem saber o que fêz, deu-me da sua abundancia. Era uma mulher nova. Aproxima-se, receosa. Coloca nas minhas mãos uma nota das mais pequenas que se fazem em Lisboa... e noutras partes! Pode ser que a nota seja falsa, mas o que a pessoa me disse, não. *Tome, diz ela; é pouco. E' muito pouquinho. E' do pouco que eu tenho. E' para salvar a minha alma. O que eu quero é salvar a minha alma.* Não sei que gosto achei a estas palavras. As ruas cheias de gente. Passavam homens e mulheres com presentes do natal à cabeça. Da Casa da Avelleda, saiam lindos cestos com perús enfeitados, a enfeitar aquêle dia. Dia da consoada. O transito era perigoso, de tanta gente. Mas ali, aonde estavamos ambos, havia silencio. Não passava ninguem. *Quero salvar a minha alma.*

Aquilo era para mim. Era dirigido a mim. Sei-o, pelo Bem que me fez. Também eu quero salvar a minha alma, do resto, não se me dá.

São agora oito horas da noite. Na cozinha não se dá volta, pelo movimeto. Os panelões atrancam tudo. Serventes encostados e outros improvisados, acarretam pratos e põem na mesa. Não se descreve o borborinho, o entusiasmo, o delirio! Eles teem comido muitas vezes bacalhau e batatas e couves. Teem comido pelo ano além, sim. Mas agora é a consoada. E' o Natal. A festa universal de milhões e milhões e milhões de seres.

O Alvaro chegou do Porto há tres dias. Tem-se fartado de comer. Como está naquele periodo de liberdade incondicionada, ou melhor, para usar a giria da casa, — como anda à solta, o Alvaro sai do lugar dele, à mesa, e vem ter comigo, ao meu: *dê-me pão.* Comeu à meza quanto quis, mas agora quer mais! Pão, e figos e o que vê! Pois bem. Alvaro, mal vê os pratos da consoada, não espera pelas ordens do Chefe. Alvaro assalta. Quando a Comunidade inteira faz silencio, põe as mãos e diz as orações da meza, já Alvaro está sentado a ela a comer! Perfeitamente. Está certo. Daqui a um ano, já assim não faz. Poder-se-ia ter mandado levantar o malcreado, fazê-lo rezar na companhia dos outros meninos et coetera et coetera et coetera.

Poder-se-ia, sim. Mas eu cá entendo que não é preciso. Acho que o rapaz está no seu pôsto. Vem da rua. Traz a necessidade instante de comer. E' o animal. Quando a satisfizer e compreender aonde se encontra, vem o homem.

Ele mesmo, o Alvaro, já ali naquele sitio e àquela hora, me deu sinal de que quer ser homem. Eu passava por entre as mezas e ouço-o chamar pelo meu nome. Era pra me dizer que o seu vizinho não tinha tido pão!

E eu fui logo muito depressa buscar uma fatia de pão para o seu vizinho. Eu também quero ser homem. Ele há por aí muitos *santos* e muitas *santas* (Santas mais) contentes com a sua *santidade*, julgando que podem chegar a ela, sem primeiramente ser um homem ou uma mulher. Há muito disso, sim senhor.

Mas só agora dou fé que fugi ao assunto. Vamos a êle. A tropa começa a devorar. Há o natural silencio das grandes ocasiões. Agora vem a letria. Grandes fatias dela, em pratos formosos, oferecidos pela Vista Alegre. A seguir, um aviso interessante: — *Batatas pra cama e o resto da malta, pró salão.* O palco estava armado. O senhor Joaquim cego, teve a rara e pasmosa habilidade de preencher um horário extenso sem enfadar ninguem, de tantas e tão rápidas e tão excelentes variedades. Chegou a meia noite. Vem a Missa do Galo. Tocaram os sinos. Estoiraram foguetes, ou o nossa aldeia não fôsse em Portugal. Agora é outra festa. Os nossos rapazes, estão convenientemente preparados para esta festa. E' possivel que no próximo ano, o comilão deste, o grandissimo malcreado, a pontos de todos o acusarem e alguns lhe terem ido, até, ós queixos; é possivel, digo, que o nosso Alvaro, também compreenda e tome parte nela. Acaba a missa.

E' pouco mais de uma hora da manhã. Abrem-se de par em par as portas do refeitório. Não há no mundo lugar que o desbanque! Os serventes de meza andam à roda delas, a botar café naqueles copos de folha, que muita gente nos manda e é necessário que continue a mandar. Café quente. Café delicioso. Ao pé dos copos, há bolos de leite. Dois bolos a cada bico.

Agora vem o jantar do dia 25. Os visitantes eram tantos, que os cicerones não puderam dar conta de tudo, pelo que outros desataram a mostrar. O *Batata Nova* foi um deles. Ora é por êle que se sabe hoje aqui de que é que constou o jantar. Foi êle que o disse a *uns senhores.* O *Batata Nova* é muito comedor e gosta imenso de falar em comida. *Comemos carne e arroz e sopa e letria e vinho e bolos.* Ora aqui está. Tudo certo, menos o vinho. Os *Batatas* não bebem vinho. Beberam-no os grandes. Vinho de mesa e vinho do Porto. O Chefe e o Professor Arlindo e o P.e Fatela, andavam à roda a servir; ós mais pequenos, um calice pequeno. Os grandes, um grande. Houve um grupo, aonde estava *Piriquito* — que já tinham bebido e diziam que não, — m — não pegou!... Quem viver no meio desta tropas tem de andar sempre com os olhos bem abertos.

No final do jantar, o chefe marcou o programa: Futebol às 3 horas. Cinema às 9. Oh-delirio! Ontem, tinha havido sessão de teatradas! e foguetes e café e tudo. Hoje, programa cheio. Não se calcula! Os rapazes estoiravam de contentes. E por hoje mais nada. Espera-se que neste numero falem tambem os cronistas. Eles que digam.

De como eu fui por aí abaixo

Estava marcado o dia 4 de Janeiro para a solene abertura da Casa do Gaiato de Lisboa. O cronista do novo abrigo, diz aqui, algures, como chegaram das casas do Porto e de Coimbra e o que fizeram, os seus dez primeiros ocupantes. Eu apenas me ocuparei das coisas que se passaram no dia da minha chegada.

Era uma sexta feira, dia 2 de Janeiro. Fazia sol. *Morris* e eu estavamos prestes, quando aparece uma familia de visitantes. Tinham ouvido falar, mas queriam ver com seus próprios olhos. Falei-lhes. Disse para onde ia e a quem ficava entregue a casa. Professores ausentes. P.e Fatela de cama. O Senhor Joaquim é cego. Os senhores pasmaram, quando me ouviram dizer que os rapazes ficavam aos cuidados do chefe.

—Quem é o chefe?

—E' um rapaz.

Novo espanto.

O *Bucha* tomou conta do grupo e eu tomei o rumo de Lisboa. Já no caminho, lembrei-me que devia ter sido mais explicito e informar aqueles senhores, que os rapazes não ficavam entregues ao chefe, mas sim cada um à sua obrigação; o que agora se diz.

Uma hora depois cheguei ao Lar do Porto. Julio estava à minha espera, afim de prestar contas do fim do mês. Entregou dinheiros. Mostrou os livros. Esclareceu. As nossas contas dão sempre certas. A maior e mais formosa conta, está no cuidado que eu tenho de amparar e convencer êste rapaz de 17 anos de idade, a lidar com o dinheiro sem sujar as mãos no dinheiro. E' por isso mesmo que estas nossas contas não estão sujeitas ao sêlo branco, nem ao reconhecimento da assinatura, nem a sindicancias!.. São contas nossas. Contas caseiras feitas de muita confiança e de muita cautela.

A's trez da tarde, outra vêz o *Morris* a caminho de Coimbra. Tinha deliberado ir ficar no Lar dos Pupilos dos Reformatórios, aonde cheguei ao escurecer. A's oito horas, o Maioral bate as palmas. Sopa na meza. Trinta e cinco pratos a fumegar. São carpinteiros. São mecanicos. São

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

De como eu fui por aí abaixo

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

tipografos. São alfaiates. São estudantes. Somos P.e Manuel e eu, ambos padres. *Agora não há servos nem senhores, mas somos todos irmãos.*— doutrima de S. Paulo.

Anda uma creancita à roda da mesa, disputada por aquelas mãos calejadas. Todos a querem para o seu colo. O Guedes, senta-o no regaço, e dá-lhe do prato, com a sua propria colher: *anda, come!* Quem é esta creança? Filha de uma cozinheira que ali tem estado, aos dias.

Agora vem o conduto. São batatas com peixe. Novo ataque dos 35. Muita alegria no semblante de todos. O homem, quando tem de comer e de vestir e uma cama limpa aonde se deite, é por natureza alegre, a menos que seja um doente. Ora todos quantos ali se encontravam, estavam na posse daqueles trez grandes bens,—daí caras alegres.

No fim, pergunta-me o Maioral se se podem levantar. Por delicadeza o fêz, pois que eu nada tenho com isso. E como eu compreendi que estava chegada a hora, disse-lhe que sim. Todos encostam a sua cadeira à parêde da sala. O que está de semana, pede o terço. E' a oração da noite, em comum. Nós rezamos. Os Rapazes do Lar, todos dos vinte para cima, fazem as suas orações da manhã e da noite em comum. No final, houve as duas palavras do estilo.

Eles gostam de escutar e eu gosto de dizer. *Ano novo, vida nova,* foi o tema escolhido. Podia chamar novo ao ano, sim, porquanto, à hora em que lhes falei, tinha êle dois dias incompletos. Era muito novo.

Desdobrando o têma, fui esclarecendo que com o auxilio da vontade podemos ir muito longe, sim, mas há sitios aonde só com ela não passamos.

E' preciso outro auxilio superior: a Graça. Eles sabem. Eles compreendem. O nosso Lar é cristão. E como todos nós tinhamos acabado as invocações da ladainha, nada mais houve a dizer, do que ligar o que tinhamos dito antes, ao que agora estavamos dizendo, e aplicar cada um a si o *senhor, tende compaixão de nós.* Podendo cada um livremente, como tambem eu lhes disse, em vêz de *compaixão de nós,* pôr antes *compaixão de mim.* Eis como se implora a Graça.

Demos as boas noites. Uns foram prá sala de jogos. Outros, foram até à baixa. Outros, vêr as suas namoradas. Eu fui-me deitar.

Estamos no sábado dia 3. Herlander e Francisco, tinham-me perguntado se podiam ir tambem á inauguração, e eu disse que sim. Saimos de Coimbra às 10 horas. Apesar de Francisco ser carpinteiro e Herlander estudante, ligavam muito bem. Não ha classe na nossa obra. Ha irmãos.

O dia fazia cobiça, de lindo que era. Sol! Em Tomar, houve pausa de duas horas. A's 5,30 da tarde, davamos entrada em Lisboa pela Portela de Sacavem, que Francisco nunca tinha visto, porque nunca fôra a Lisboa.

Eles ficaram à espera do Luiz e do Filipino, mais dois rapazes do Lar que seguiram de comboio, e eu tomei o caminho de Loures.

Demoraram umas tantas horas na capital, e chegaram muito aborrecidos do que ali viram e escutaram. Não acho nada bem que Lisboa tenha dado motivos de escandalo a estes meus rapazes, mas uma vêz que assim foi, muito me alegrei de os vêr sinceramente escandalisados. Estão as coisas no seu lugar. Não ha valores invertidos. Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, que manda tantas e tantas e tantas consolações.

Era noitinha, quando bati ás portas do Tojal. Aparece o Carlos Alberto e o *Radio,* cheios de caliça. Tinham acabado a limpêza dentro da igreja arruinada, aonde iamos celebrar amanhã, num altar por eles improvisado.

Os sinos repicam. Sobem foguetes ao ar. Ali é Portugal. O sacristão da terra fêz questão de ser êle a tocar os sinos e levantou-se contra um outro homem do lugar, que reclamava êsse titulo. Houve disputas. D'aqui se infere quão mal avisado não é quem manda destruir tôrres de igrejas e reduzir a silencio a sua voz,—os sinos!

Eram 9 horas quando entramos no templo. O sacristão informa que no dia 14 de Julho de 1911, tivera lugar a derradeira missa.

Nesse mesmo dia fora o arrolamento, depois a pilhagem, a seguir a destruição. O Mal fêz das suas. *Agora é o Bem* que toma conta. Uma mulher do povo, levou a missa a chorar. Eu vi. Talvez tenha ela sido a mulher da concelho de Loures, a quem o nosso Bom Deus escolhera para esperar aquêle dia! Daí as lágrimas de contentamento.

Ao meio dia estavamos à meza. Foi galinha. Foi dôce. Foram mais coisas boas. Era a nossa grande festa. Daí a nada, chega o Montepio de automovel e dentro uma grande manada de pacotes de roupas e de coisas. Também chegou o Cardeal. Não se contava, por isso mesmo, mais saboreamos. O cozinheiro, ao vêr o nosso Visisitante, vem ter comigo, alvoroçado: *O Senhor Cardeal; foguetes?* Sim, rapaz, bota foguetes! E acabaram-se os foguetes. E acabou-se a festa. Agora é outra festa. E' *o incendio* de Lisboa!...

Só a máquina de costura é que não estava no seu lugar. P.e Adriano leva-me à casa de costura, mostra-me roupa por fazer, lembra a máquina.

—Espera, disse eu. Não sabes que Lisboa se levanta mais tarde que o Porto.

Foi na manhã do dia dois de Janeiro. Não era êle; era ela, segundo me informou o Sérgio. Era uma avionete, mas o barulho foi exactamente como se fôsse um Caça. A aldeia despovoou-se. Era a *senhora* da rouparia atrás dos roupeiros. Era a *senhora* da cozinha atrás dos cozinheiros. Era a senhora das casas atrás dos das casas: *Vamos embora.* Nada. Ninguém se mexia dos lugares para onde tinham ido. Muito ao contrário, crescia a multidão. Agora eram os das oficinas, os do gado, os administradores do jornal. Ninguém arredava. *Ele ainda torna,* diziam todos. Efectivamente, a avionete razou por duas vezes e eles queriam mais. *Ainda torna.* Pois não tornou e a malta não teve outro remédio senão debandar. Eu já pedi ós senhores aviadores que não tornassem, mas Eles não obedecem. São senhores do ar. Não querem ser limitados. Enquanto não chegar lá cima o regulamento de transito mai-lo sinaleiro e as cruzes e cruzetas e talão das cinco corôas, tudo como cá por baixo. Enquanto assim não fôr, digo, havemos de ter sempre aviões e avionetes no céu da nossa aldeia.

Crónica Desportiva

No dia 14 de Dezembro de 1947 efetuou-se um desafio entre o grupo representativo dos Gaiatos F. C. contra o grupo da Ala dos Namorados.

O jogo efectuou-se às 15 horas da tarde.

A bola foi ao centro os gaiatos levam a primeira avançada nos pés e chegam à grande area dos beques dos namorados e o avançado centro dos gaiatos adianta a bola e o guarda-redes sai a defender a bola; o guarda-redes dos namorados põe a bola em linha para o beque chutar chutou a bola cai aos pés de Sérgio que dribla 2 adversários e desarmado pelo terceiro este corre e passa ao seu colega que de perto chuta de vagar às redes do gaiato e fazem o primeiro golo dos namorados.

A bola foi ao centro Zeca chefe passa para Alfredo que passa de repente para Sérgio que corre e passa a Jorge que dribla 2 adversários e passa para Zeca chefe que chuta um valente remate às redes dos namorados e faz o primeiro golo do gaiato e assim terminou a primeira parte com um a um.

O esférico foi ao centro os namorados jogaram muito bem mas principalmente o guarda-redes que fez maravilhosas defesas aos cantos das redes. A bola é dos namorados que avançam com a bola nos pés mas António com êxito desarma o advesário novamente passa para Madoreira que de repente passa a Sérgio este anda com a bola nos pés passa a Fernandinho que corre com a bola nos pés passa a Zeca chefe que torna a rematar às redes dos namorados mas o guarda-redes não pode evitar o tento de chefe e o gaiato fez o 2.º golo da sua equipa. A bola foi ao centro os namorados levam a bola nos pés mas Madoreira desarma o adversário que chuta para a frente e a bola é apanhada por Sérgio que novamente passa a chefe este a Jorge que dribla 3 jogadores dos namorados consegue remates à baliza mas o guarda-redes não pode evitar o golo de Jorge e assim o Gaiato vence os namorados por 3 bolas a 1.

O esférico foi ao centro os namorados chutam para a frente e o esférico é apanhado por Joaquim Mantas que passa novamente para Rio Tinto que passa para Sérgio que corre às dos namorados que remata forte e a bola sai pelo lado da baliza.

O guarda-redes dos namorados põe a bola na linha para o beque chutar, chutou a bola e apanhado por Zeca chefe que passa para Sérgio de cabeça e Sérgio dribla 2 adversários e consegue rematar às redes contrárias e assim fez o 4.º golo dos gaiatos.

A bola foi ao centro Zeca chefe passa para Alfredo que de repente passa para o águia da bola que corre com força à baliza dos namorados mas o guarda-redes sai a defender a bola mas a bola bate-lhe nos pés e Sérgio com um fortissimo remate fez o 5.º golo dos Gaiatos. Assim terminou o encontro em que o Gaiato F. C. venceu a Ala dos Namorados por 5-1.

O Cronista
José Sá deCarvalho

P. S.

Até aqui muito bem, mas eu cá não me conformo com a falta de espírito desportivo dos nossos. Os *Namorados* foram correctíssimos. O seu guarda-redes, que, era uma águia, teve o nosso team sobre êle nos dois tempos e defendeu maravilhosamente. Pois isto não dizem os cronistas! Mais. Se os nossos perdem, não temos cá nenhum que faça a cronica! Nem um!! Mais. A' noite, durante a ceia, ninguém pia. E' um funeral. Durante a semana, andam todos de luto.

Não acho bem. Não aprovo. O desporto é para medir forças ou fazer camaradagem? Pergunto isto ao senhor professor Arlindo, o ensaiador do nosso team, que também põe nariz nos dias em que eles perdem e ninguém o atura, se ganham.

Cantinho dos Rapazes

Já há tempos que não aparecem *cantinhos,* não que falte matéria, mas sim espaço. Hoje faço um, por causa do Rodrigo de Gaia.

O Rodrigo de Gaia era nosso e estava a trabalhar no Lar do Porto. Era roupeiro. Não tinha ainda sido julgado apto para tomar conta de um emprêgo, mas lá iríamos, a seu tempo. Porém, uma tia do Rodrigo não quiz esperar mais tempo. Não sabemos como nem aonde, mas o certo é que o rapaz fugiu de casa. Vestiu a melhor roupa e desapareceu. Hoje, o Rodrigo de Gaia, anda novamente despresível nas ruas da cidade, e tem pedido aos nossos para regressar.

Vamos a tirar lições deste caso. A primeira seja para os tios ou outras pessoas de família, que roubam aos seus um bem e não podem depois restituir. A tia do Rodrigo de Gaia, roubou ao sobrinho o bem que ele gosava na nossa casa, e agora verifica-se que ela não lhe deu outro nem lhe pode restituir o que ele aqui tinha. Não seria intenção dela fazer mal ao sobrinho, mas a verdade é que lhe fêz muito mal. Pois uma vez que a *Obra da Rua* não tem título oficial para impedir estes casos, que eles sejam aqui denunciados e outros que possam o façam.

A segunda lição seja para os Rapazes. Para os do Porto. Para os de Paço de Sousa. Para os do Tojal. Alerta!

Nunca deveis tomar uma resolução sem primeiro falar conosco. Temos o caso do Amandio. Assim está certo. Falou. Combinou-se. Veio a Mãe. Esta não lhe tirou o bem que o Amândio gozava no meio de nós; a todo tempo pode regressar. Procederam bem Mãe e filho. Mas fazer como fizeram tia e sobrinho — isso nunca. Fica o aviso dado.

Ele aí vem

Este número de "O Gaiato" foi
Visado pela Comissão de Censura

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais 50$ do Porto. Mais dois pulovers da Covilhã. Mais roupas de Matozinhos. Mais de uma Camisaria da Rua de Santo António, 12 camisas em folha com uma dedicatória notável: *Procuramos ajudá-lo na sua difícil tarefa de fazer bem.* Não sabia que se podesse esconder um tão alto e acertado conceito das coisas, no peito de Mercadores. Diz bem: *Difícil.* Não é a *Obra da Rua.* Não é o P.e Américo. E' toda e qualquer pessoa que se consagra do serviço do seu semelhante. Uma consagração, é fonte perene e misteriosa de dificuldades. Mas vamos adiante. Mais de Lisboa, de uma senhora, um vale de dois mil escudos. A Companhia de Açucar de Angola, dá metade. Eles poem *Assucar* no memorando. Eu ponho aqui *acuçar.* E' a dança da ortografia. Não importa. O que interessa é o dinheirinho. Mais roupas de Lamego. Mais do Porto um casaco de cabedal, atestadissimo. Vou ter aqui grandes trabalhos. Todos o querem. Mais de Vizeu, seis cobertores. Sim senhor. Cobertores é do que nós necessitamos. Não temos notícia do vale de mil escudos.

Por Companhia do Assucar de Angola, aonde estará a Sena Sugar de Estates, que também é uma Companhia de Assucar?! Dei muito do meu suor e da minha mocidade a esta Companhia! Mais uma data de cartas e de vales e de cheques, de várias partes do Império, a desejar um natal muito feliz et coetera...! Mais 500$ do Porto. Mais duas camionetes de visitantes de Braga, que nos trouxeram um mundo de coisas. Mais 100$ de Lisboa. Mais roupas idem. Mais um cobertor usado, teriamos roupas de cama para todas as nossas camas! Mais roupas de Atouguia da Baleia. Se mais mundo houvera...! Mais marmelada para o *doente triste,* de Santa Cruz do Douro. Mais dois contos de uma Ceramica. Mais uma data de envelopes com donativos da festa no Natal. Gostamos assim. Coisas pequeninas de muitos. Quando pedia nos postos emissores, vem um trabalhador com dez escudos na mão; *prós seus. Eu vejo no meu filho o espelho dos seus.* Coisas pequeninas. Mais de Gaia 6 garrafas de vinho fino. Mais dos Irmãos C. D. 4 volumes de coisas para as festas. Mais com sua licença um porco. Um porco do Alentejo. De Quintos. Chegou a guia do caminho de ferro dentro d'um envelope e o porco dentro de uma grade e mais nada. Não há nomes. Já assim foi o ano anterior. Há sim, a algazarra. A hora estridente. *Um porco! Olha que nariz cumprido! E' preto!*

Tudo quanto os namorados da Obra quizeram deixar no *Depósito,* passou de lá para as nossas casas. Tantas coisas foram elas, que nem todo o espaço do *famoso* dava para as publicar. Com esta comunicação, fique em paz quem lá foi ou mandou. Recebemos tudo.

Também não podemos aqui enumerar os donativos de várias espécies que os Grémios e Organismos Corporativos nos ofereceram. Não importa nomes de grémios, nem quantidades nem qualidades. Deram como quizeram e puderam. Acabou. A nossa obra não tem nomes, por isso mesmo tão conhecida é! Nós acreditamos na força de quem se esconde para fazer bem e esquece amanhã o que hoje fêz. De Avanca, produtos Nestlé, sim. Uma subscrição feita expontaneamente entre os empregados da Companhia de Seguros *O Trabalho,* rendeu 470$00. De Valbom, sim. Mais mil escudos do Porto. Mais um vale de 872$90, uma subscrição entre os operários da Fábrica da Senhora da Hora. Aqui agradeço as migalhas dos Trabalhadores. Mais roupas da Granja, dum factor do Caminho de Ferro. Outra vez 50$ do *João Ninguém e Esposa.* Mais de Portalegre uma carta por uma pequenita, aonde vinham dois papeis do Banco Espírito Santo, os quais, nesta data, não posso dizer ainda quanto renderam. O que eles derem é pra casa de Coimbra, segundo o desejo de quem oferece. Sim senhor. Os pacotes de roupas usadas trazem a costumada e piedosa legenda — *pode usar sem receio de contágio,* assim como quem reza de mãos erguidas, na penumbra das catedrais. E' o amor a falar. Enquanto a costureira ia cortando fios e abrindo, dizia para mim que estava ao pé, que muito gostava de encontrar umas luvas pequeninas para dar ao Acácio. O Acácio é o *Feijão Miúdo.* O que quer a mãe. O que chama pela mãe. Pois enquanto assim falava, eis que vem à tôna um par de luvas cinzentas, de lã, muito pequeninas, para o Acácio! As alunas da Escola Feminina de Nave de Haver, fizeram por suas mãos e mandaram camisolas de lã caseira. *Das funcionárias d'aquela casa à beira de um jardim cujo nome o Cête desconhece mas na qual é bem recebido,*—deste Grupo de Funcionárias, digo chegou um pacote de indisível beleza moral. O arranjo, a variedade, as dedicatórias, o saber,—o Dedo da Mulher! Tenho pêna verdadeiramente pêna, que a mulher seja tão sujeita. Pêna outra vez tenho, verdadeiramente pêna, que o homem não conheça a mulher. Mas a minha maior pêna é vêr o Vício oficialmente protegido, em lugar da viciosa.

Mais de Peniche, a terra dos amigos, roupas e calçado. Mais do Estoril e de Lisboa e de Castelo Branco e de Ficalho. Houvesse êle mais nomes no mapa, que mais nomes aqui diriamos! De toda a parte nos namoram.

Quanto àquela data de carteiras que vieram do Porto,—dois sarilhos. O primeiro está nas cores. Foi aqui um diluvio de palavras e de desejos: *aquela é do Sporting. Esta é do Benfica.* Não se imagina! O segundo, é que não chegaram para todos. Faltaram dez. Dez carteiras. Ouve-se entre alguns o terrível eu ainda não tive. Claro que, tratando-se de brinquedos, o caso não é tão sério. São coisas de brincar. Mas se vamos ao pão e ao leite,—alto lá! Cautela!

Ontem, na cidade do Porto vem uma simpática velhinha com um pequeno pela mão, a pedir-me que o recebesse.

Ande, que êle é tão bonito. Era a informação da avó. Fomos andando. Estava ali uma leitaria. Entramos.

—Gostas de leite?

—Não sei o que é!

O pequenino de uns 6 anos talvez, não sabia o que era leite. A avó confirmou: *cafésinho sabe.* Ora disto é que eu tenho muito medo. Não há nada mais trágico no mundo do que este *eu ainda não tive,* soltado por uma creança, que *de facto* não teve,—quando tu tens de mais!

Sim senhor. Devolve se a saca que trouxe a roupa e 1$50 em selos para o porte,—mas não temos a direcção. Escreva a dá-la. Ontem veio um senhor do Porto na sua própria fourgunete e esta cheia de massa. Massa americana. Não disse como se chamava; só informou ser um grande amigo do Doutor Magano. Muito folgo. Hoje, vieram duas fourgunetes com géneros, de um grupo de Trabalhadores de Campanhã. Homens de ganga azul. Estiveram uma grande hora. Conviveram. Assistiram ao nosso jantar; o rapaz a servir o rapaz, comer em sua casa do que é seu, fazer barulho, risadas — profanação da santa disciplina! Os Trabalhadores gostaram de vêr. Eu também gosto. Ainda hoje recordo com saudades quando vi o Avósinha e Amadeu, de uma vez—, levantaram-se em cima do banco, á mesa, e desatarem ó sôco, por causa d'um prato. Nunca mais aconteceu tal, e tenho pêna! Agora os figos é que ainda não chegaram. Figos. Figos.

Notícias da Casa do GAIATO DE LISBOA

Saimos de Miranda no dia vinte e cinco, no comboio das dez e meia. Eramos cinco. Manuel pedreiro, Lisboa, serralheiro, Pedro, chefe, Manteigas, carpinteiro e um miudito o Otávio porteiro.

Em Coimbra fomos levar as esmolas ao hospital dos Lázaros, como nos outros anos, boroas do Natal, tanjerinas e laranjas. Depois fomos levar uma lona que tinha vinte metros quadrados a um pobrezinho do choupal, que tem sete filhos. Todos ficaram contentes. Viemos para Lisboa no comboio das duas da manhã e chegamos ao Tojal ao meio dia. Entramos em casa, tudo era deserto, dum lado ficava o que já estava arranjado, cozinha, refeitório, copa e despensas, do outro lado fica um imenso casarão, ainda em ruinas. Fizemos o jantar e desempalhamos as camas para dormir. A nossa mesa era de dois cavaletes e uma porta, mas como não havia trapos, tivemos que a limpar com uma meia. No outro dia tinhamos muito que fazer, varrer corredores, camaratas, salas e salões e depois esfregá-los. Já tinhamos trabalhado muito, quando chegaram os de Paço de Sousa, acompanhados do Snr. professor Arlindo. Eram mais cinco. Constantino cozinheiro, Ernesto da erva, o Mário da roupa, o Mário das Camaratas e o Fala Barato da copa.

O Snr. Silva foi incansável para trazer para cá todas as coisas que mais necessitavamos, batatas, pão, massa, um tacho, dois candieiros, pratos e mais algumas coisas e se mais precisassemos mais êle arranjava.

Para racharmos lenha tivemos que pôr as tábuas encostadas à parede e depois atiramos-lhe com calhaus. Agora temos que trabalhar muito para reconstruirmos o que está em ruinas o que vai levar muito trabalho e muito dinheiro, mas depois Lisboa verá desaparecer muitos garotos da rua, para mais tarde os ver cheios de vida, capazes de honrarem o nome de Portugal.

Hoje tivemos a primeira missa na antiga capela do Snr. Cardeal e dos Reis que aqui vinham passar.

O Cronista

CARLOS ALBERTO

NOTA DA QUINZENA

Um dos nossos trabalhadores do Lar do Porto, que se emprega em uma das casas mais acreditadas e mais antigas da cidade, recebeu uma notável gratificação na quadra do Natal. Cumprimentei-o e encareci o lugar;—*olha se o perdes!* O rapaz escuta os meus conselhos e afirma que na Páscoa espera receber mais. Ele e todos os seus colegas. Demoramos um bocadinho a conversar sobre o que há de saudável e construtivo nestas atitudes patronais e o rapaz, de quem muito se espera, declarou ser desejo da Firma Comercial, dividar parte dos lucros pelos seus empregados. O rapaz anda na casa dos dezasseis. Não sabe o valor social da informação que me deu, nem a desgraça e miséria em que hoje se vive por há mais tempo se não pensar e fazer assim. Sobretudo *fazer.* Fazer assim.

Disse ao Julio para creditar na conta do simpático e feliz empregado as notas de cem que êle recebera e fiquei a meditar e a gozar a notícia: *Os meus patrões vão repartir parte dos lucros pelos empregados.* Se tivesse havido até à data algum momento difícil, pelo qual me arrependesse de ter fundado a *Obra da Rua,* êsse momento difícil seria hoje francamente recompensado, pela alegria verdadeira da notícia dada ao mundo por um filho da Obra. Notícia da verdadeira revolução social. Agora também eu digo ser o nosso vocabulário incapaz de dar um nome adequado ao *Gaiato,* por ser êle, o jornaleco da Obra da Rua, a dar a notícia: *Os meus patrões vão dividir parte dos lucros pelos seus empregados.*

Eis a doutrina. Doutrina cristã. Tão simples, que um moço de 16 anos anuncia a formula e compreende perfeitamente o fundamento — *Repartir.* Tão simples, que não há um só leitor que não compreenda a doutrina e veja a sua beleza —*Repartir.* E saber a gente que se formam partidos, quebram-se cadeiras, aniquilam-se vidas, tira-se o leite às creanças,—tudo por causa d'uma doutrina que praí anda, a qual parece ter a sua essencia naquêle dôce deixa cá ver o que tens que eu sou comunista! Porquê tamanha desordem nas almas? Porque os cristãos não teem a coragem de ser comunistas. Não sabem repartir. Aqui a desordem. Aqui o pavoroso desiquilibrio mundial.

Os empregados de uma Casa, sabem muito bem das coisas. Compreendem que a sua comparticipação nos lucros tem de ser muito moderada. Primeiramente o capital. Salvar o capital. Proteger o capital. Ele é a garantia do trabalho e do pão das suas famílias. Depois, as responsabilidades do Patrão, as suas noites sem dormir, o seu nome nos cheques e nas letras, o seu nível de vida, a sua família. Finalmente êles. Eles não se importam de ser os ultimos, o que não querem é ser esquecidos; e tem-no sido! Ainda hoje trago no peito aquela frase de um operário, na maré doente—*Eles a medrar e a gente a passar mal.* Ele trabalhava. Quatro dos seus filhos também. E eu andava a pedir naquela terra para suprir as necessidades do lar! Eu pedia esmola prós patrões!!

Não é o povo que se revolta; são as pedras da rua que se levantam. Não queriam os fariseus que as massas populares aclamassem Jesus Nazarêno. Como podiam calar-se, se Ele é a Justiça que passa. Falariam as pedras da rua! Eis.

Sim, repartir. Semear pão. Levantar a vida das famílias trabalhadoras. São almas.

Vinha a dizer nos jornais que algures, falecera um homensinho que deixou cem mil contos a obras chamadas de beneficência. Que desgraça! Diziam ainda os jornais que ele fôra um grande industrial. Outra desgraça! Mas há pior. O mal que fazem estas bateladas a obras que teem de viver da Pobreza. Fazem mal e dão mau nome. O dinheiro é peste. A Igreja não precisa d'estes dinheiros. Não são d'Ela. Deviam ter sido repartidos por aqueles a quem eram devidos. Assim é que está certo.

Isto é a Casa do Gaiato

O Oscar. O Oscar da Orsec. E' nosso vai para quatro anos e faz parte da população do Lar. Fêz ali a 4.ª classe, os patrões adoram-no, os companheiros querem-lhe muito e eu também, mas o Oscar ainda não esqueceu completamente a palavra da rua. De vêz em quando abre a bôca e ai vem. Ora não pode ser. Num tribunal que se fêz há tempos a êste respeito, foi dito do castigo a aplicar a um qualquer que não saiba guardar a boquinha. Oscar estava presente. Ouviu. Talvêz tivesse então formado o seu propósito de nunca mais, sim, mas não foi longe. Também o Cête esteve aqui no meu escritório a jurar ós santos que se ia portar muito bem e que nunca mais voltaria ó tribunal e passados dias estava caidinho no tribunal! Tal a culpa, que tarde voltará a escrever a crónica no *famoso* e tardíssimo irá à venda, coisa que êle tanto amava! Mas voltemos ó amigo Oscar. Oscar tornou a dizer uma palavra feia. Provocou a iminencia do dito castigo, que êles de maneira nenhuma desejam para si nem para os outros. Por isso, os companheiros levantaram-se em côro a interceder e que haviam de ajudar.

Está bem. Gosto que sejam camaradas. Mas também quero que sejam cautelosos. As palavras da rua teem de ficar na rua.

■

AQUI se falou na situação do Armando e do Rogério. Por aqui, tomaram conhecimento dela os senhores da Caixa de Previdência do Pessoal da Carris, que hoje respondem. Muito bem. Viva o *famoso!* Cá temos os dois orfãos. Não deviam estar. A nossa obra é para o Oscar e quejandos,—os Malcreados. Mas estão. Estão eles aqui e as suas pequeninas pensões aonde devem estar. A carta d'hoje, vai para a ficha deles, como irão também para o mesmo sitio as notas de credito que nos enviarem. E' dinheiro do pai d'eles. Deve ser herança d'eles. O Armando trouxe uma outra herança,—mas essa agora é minha. E só minha. O Pai faleceu tuberculoso. A Mãe faleceu tuberculosa. O resto,—sabe-se... Tem 16 anos de idade.

O Radiologista quer vê-lo todos os quinze dias. O resto é o sol e a borôa e o leite. Nós temos cinco vacas. Eu queria uma instalação condigna para as nossas vacas, por causa d'esta e doutras *heranças*. Haveria mais leite. Haveria mais asséio. Homens mais fortes. Mais humanidade. Quereria. Já pedi ao Govêrno sem êxito. Peço hoje aos Particulares.

■

CONSTOU que eu tinha brinquedos no meu escritório. Quem havia de ser o primeiro a bater à porta por um brinquedo?

Ora pasmem; o cozinheiro maior. O chefe dos cozinheiros. Levou um assobio e um cavaquinho. Assobiando e tocando, prepara êle a refeição e serve a tempo, cento e sessenta rapazes. Dê-se a cada um o que lhe é dado. Agora o que não está nada certo é uma que fez o *Zé da Lenha*. Também êle aqui veio por brinquedos para os doentes e eu disse que sim. *Leva*,—e continuei a trabalhar. Não me disse que tinha desejos nem perguntou se também podia ficar com um brinquêdo para si,—mas tirou ós doentes. Desfalcou os doentes. O brinquêdo mais bonito guarda-o para si. Continua a fazer das suas o *Zé da Lenha*. Mas logo foi acusado. Veio aqui uma deputação acusar.

■

OUTRA deputação. Outra acusação Foi no presépio. Algum mais tentado foi e mexeu e deixou cair o *fogueteiro* ó chão e este partiu-se em trez. O fogueteiro! O fogueteiro era justamente a figura que mais realce dava! A comissão trazia na mão os trez bocados do fogueteiro,—*e agora?!*—diziam.

Agora nada. Nomeou-se um inquerito e até vêr, fazemos a festa sem o fogueteiro. Remedeia-se sem êle.

VEIO agora mesmo o Xancaxé à porta do meu escritório. Antes que eu lhe perguntasse o que havia de novo disse mo êle. *Um rapa!* Queria um rapa. Eu não sei se os meus queridos leitores já alguma vêz puzeram na sua ideia, o que será um cesto de brinquedos numa familia onde há cento e cincoenta *filhos* menores, para quem os brinquedos são justamente fabricados, e todos eles ao mesmo tempo a reclamarem aquilo que é seu, e os brinquedos não chegam um para cada um, e aquêle faz nariz ao que não teve, e o que não teve, aferroado, manda-lhe um sôco! Eu não sei se os senhores alguma vêz puzeram isto em sua ideia.

Veem muitas cartas de Lisboa, a comentar o nosso documentário. Hoje, veio uma a dizer assim:

A obra é mais grandiosa do que nós supunhamos e o P.e Américo mais velho. Pudera não. Mesmo que o não fôsse, fazia-se. Que venha pra cá outro, a vêr se não envelhece em pouco tempo. *Um rapa!*

■

SUBIU agora mesmo o *Sapo* aonde a mim e diz-me com voz muito melodiosa: *Uma bola; uma bolinha que eu tenho as galinhas gordas.* E tem. Merece a bola. Recebeu a bola.

■

ESTOU contente. Chegou a vêz ó Zé da Lenha. Ele adoeceu. Passava eu pela enfermaria por volta das 10 horas. O doente estava no leito. Mal me vê, levanta-se a meio corpo, em protestos. *Estou cheio de fome. Estamos todos cheios de fome. O Molestia não traz comida. Foi prá escola e deixou-nos ficar.* Muito bem. E' cá que elas se pagam. O queixoso tem feito muito pior ós doentes. Lambe-lhes a comida! Agora sabe o que custa. Eu andava mesmo mortinho pelo apanhar.

■

DESEJARIA comunicar aos meus preciosos leitores a imensa alegria do *Sapo*, ao trazer-me aqui na mão um pardal que êle apanhara. Já me tinha constado que êle costuma armar *pescoceiras* no sitio aonde bota de comer ás galinhas, e que agarra passarinhos. Já me tinha constado, sim. Mas a prova tive-a hoje.

Perguntado o que fazia ó pardal, Sapo responde que o deixa fugir novamente. *Boto-o à vida.* Sim senhor. Ele só quer mostrar ó pardal atrevido, que é o rei da creação.

UMA CARTA

Elas são muitas e são de todos os dias. Porém, como esta, ainda cá não entrou nenhuma. Ora tenham a bondade de lêr:

No desejo sincero de aliviar V. das dificuldades que o GARNISÉ lhe arranja, junto envio umas migalhas para que compre rebuçados

Os da Redacção do ATÓMICAMENTE FAMOSO em vez do garnisé darão um rebuçado ao da obrigação das capoeiras quando ele se lhes dirija a impor a sua SIMPATICA AUTORIDADE.

A matéria e a forma, dão a entender que o seu autor, de Torres Vedras, está absolutamente de alma e coração com a deliciosa e harmonica desordem da nossa aldeia. Sim senhor. Vai-se cumprir. O *Sapo* receberá qualquer coisa dôce, por deixar dormir fora da capoeira o garnisé—mascote.

Crónica da Nossa Aldeia

1 Foi baptisado no dia 22 de Dezembro o Mario de 13 a 14 anos. Ele não sabe de onde é. Foi baptisado às 15,30 e os sinos da freguesia tocaram festivamente a repique. Houve bolo rei e café no casa do Senhor Abade. Foram os padrinhos o celebre Piriquito e a Menina Julieta.

Mais uma alma que estava perdida e que já não se perde se ele por acaso não morrer em pecado mortal.

■

2 O Santa, veio queixar-se de que o Gastão lhe tinha atirado com cal à cara. Mandaram chamar o Gastão, e êste por sua vez começou a desculpar-se e dizer que quando lhe atirou com a cal à cara que foi sem querer e que lhe pediu desculpa.

■

3 Como já sabem o nosso carneiro é muito bravo. Quando o pastor ia para Calves vinha um rapaz e o carneiro deu-lhe semelhante marrada que o deixou todo esmurrado no chão. O rapaz todo zangado veio queixar-se ao Pai Américo para dar dinheiro para o curativo, mas como nós temos um Hospital o Pai Américo mandou-o lá para se curar.

■

4 O Zé Santarem é um rapaz que veio de novo, e é muito comico e, trabalha na cozinha e ele tirou os oculos para trabalhar e meteu-os numa gaveta. O Zé Santarem passados uns dias, foi para o Hospital que lhe doia a barriga e não se lembrou dos óculos. A Senhora mandou o Bernardino levar-lhe os óculos. O Zé Santarem ia a pôr os óculos e um vidro caiu ao chão e partiu-se e ele todo atrapalhado veio logo se queixar que o Bernardino lhe tinha partido os óculos.

■

5 O nosso garnizé foi tomar um bocado de ar. Daí a um bocado chega o Sapo com o garnizé e a dizer que o Pai Américo o tinha mandado trazer para o escritório. Já tinhamos mandado o Sapo embora quando êle nos diz uma coisa. Disse-nos que o nosso garnizé tinha dado uma grande sova no do Piriquito. O garnizé do Piriquito já deu no nosso, mas agora quem deu foi o garnizé dos Escriturários, e ainda mais, o nosso garnizé tinha posto a crista do outro banhada em sangue.

■

6 O Maximiano mai-lo Senhor Dias foram a Penafiel vender os nossos bois, mas tiveram que os trazer outra vez porque os compradores não davam o que êles valiam, e então resolveram ir a outra feira do mês passado a Penafiel. Na ultima feira já foram mais felizes. Venderam os bois por doze contos e tresentos escudos.

■

7 O Senhor Casimiro mestre de Trôlhas mandou o Caminha buscar tabaco com vinte e cinco tostões, e o Caminha perdeu o dinheiro, e o Senhor Casimiro disse-lhe que não o aceitava sem que ele lhe desse o tabaco. O Caminha andou que tempos a chorar e depois o Piriquito viu assim tão triste e perguntou-lhe o que tinha e o Caminha com as lágrimas nos olhos contou-lhe o que tinha e o Piriquito foi ao dinheiro das barbas e deu-lhe os vinte e cinco tostões e o Caminha lá foi todo contente. O Piriquito que no numero anterior tinha tratado mal o Snr. Ernesto, acaba de fazer uma obra de misericórdia, consolar os tristes.

■

8 Tivemos um Natal muito feliz. Comemos batatas com bacalhau e aletria com uma caneca de vinho. Saimos da mêsa e fomos ouvir um espectáculo que o Snr. Joaquim organizou. Acabada a cena fomos à Missa do Galo há meia noite, e ainda por cima uma cafesada e bolos que o Pastelão trouxe de Coimbra. Na quinta-feira à uma hora comemos arroz de frango e pato e mais aletria e vinho fino e bôlos, e então à noite ainda foi melhor: cinema. Desejamos que tenham um natal muito cheio de boas-festas aos nossos leitores amigos.

■

9 Os quatro de Paço de Sousa que foram inaugurar a Casa de Lisboa, quatro Missionários, quatro homens de amanhã. Um de Cesar, outro do Porto, e os restantes nem eles nem nós sabemos de onde são.

Já há dias que se dizia que haviam de ir quatro para Lisboa, mas ninguém sabia quem eram eles. E por isso um perguntava:

—Vou eu?

Outro emendava:

—Vais tu?

E andou-se assim até chegar o dia.

Eis o dia.

Acabamos a refeição do meio dia e o Pai Américo disse:

—Logo vão-se vestir para irem inaugurar a Casa de Lisboa o Maximino, os dois Marios e o José Ernesto. Chegou a hora de irem para o comboio e eles vestem-se, merendam, despedem-se, e toca a embarcar com o Snr. Professor Arlindo.

Agora veem-se só dez em Lisboa, daqui a um ano, ver-se-ão mais de cem.

■

10 Os da Administração andam interessados a colecionar selos, e não é mal nenhum. Um Senhor até disse que era educativo. Uma Senhora da Granja já mandou muitos sêlos e uns rôlos próprios para os colar, e um ficheiro. Já nos acabou os rôlos que a Senhora nos mandou. Agora pediamos aos leitores que colecionam, se tivessem sêlos repetidos se nos mandavam, que ficamos muito contentes.

E para verem como nós andamos entusiasmados, que quando fomos, à expedição do jornal, e depois fomos levar os jornais ao correio, e vimos um homem a separar cartas do estrangeiro. Um dos nossos rapazes disse: Quem me dera aquêles sêlos! Outro disse vamos pedi-los; e o outro disse, não peças, tu não vez que o homem não pode tirar os sêlos das cartas.?